



Resenha de АУРОВ, Олег Валентинович (ред.-сост.) Теология и политика. Власть, Церковь и текст в королевствах вестготов (V - начало VIII в.). Исследования и переводы. Москва, Издательский дом „Дело“, 2017. - 352 с. (ISBN 978-5-7749-1253-7).

AUROV, Oleg Valentinovich (org.). *Teologia e Política. Poder, Eclésia e texto nos reinos visigodos (desde o início do século V até o início do século VIII). Investigações e traduções.* Moscou: Editora Delo, 2017, 352 p. (ISBN 978-5-7749-1253-7)

Olga PISNITCHENKO¹

Publicado em 2017, o livro *Teologia e política. Poder, Eclésia e texto nos reinos visigodos (desde o início do século V até o início do século VIII). Investigações e traduções* é organizado por Oleg Aurov, doutor em História Medieval, professor associado da Universidade Estatal da Rússia na área de Ciências Humanas, pesquisador da Escola de Estudos Avançados em Humanidades da Academia Presidencial Russa de Economia Nacional e de Administração Pública e autor de mais de 80 artigos e capítulos em livros na Rússia e na Espanha. A obra que reúne os trabalhos dedicados à análise das relações entre o poder público e a Eclésia nos reinos visigodos de Tolosa (418-507) e de Toledo (507-711) é composta de duas partes e treze capítulos independentes.

A primeira parte é dividida em oito capítulos, os quais tratam de vários aspectos de permanências e continuidades do poder público herdado do Império Romano e da sua relação com a nobreza, tanto guerreira como eclesiástica. A segunda parte contém fontes inéditas traduzidas do latim para o russo, precedidas por um estudo introdutório sobre a história do cristianismo hispânico e sobre a literatura religiosa produzida na Península Ibérica no primeiro milênio da era cristã.

¹ Profa. Dra. em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: pisnitchenko@gmail.com.



Os artigos da coletânea tocam em vários aspectos da interação entre o poder público e a aristocracia eclesiástica, ressaltando a ideia de que os reinos visigodos foram os primeiros entre “os bárbaros do Ocidente” a percorrer o caminho de uma região formalmente subordinada a Roma (cujo poder foi usurpado por um general bárbaro) para um reino autossuficiente. Na historiografia brasileira, o processo foi designado por Renan Frighetto como “Do *imperium* ao *regnum*”.² Os historiadores russos destacam que o reino visigodo liderou por um longo tempo na esfera intelectual (mesmo perdendo em força militar para o reino franco), por meio da elaboração das complexas doutrinas teológicas, políticas e jurídicas, com um nível teórico sem precedentes na cristandade latina (p. 8).

Já na introdução da obra, Oleg Aurov assinala o papel da elite hispânica pertencente à Eclésia na formação da imagem positiva do poder público, enfoque que vai percorrer a maior parte dos trabalhos apresentados na obra. Para o autor, esta imagem se tornou na Hispânia visigótica um fator autossuficiente de vida política, cuja atratividade ideológica, de certo modo, compensava a carência dos órgãos públicos. Ao ressaltar o papel peculiar da aristocracia eclesiástica hispânica a qual pertenciam Leandro e Isidoro de Sevilha, Bráulio de Saragoça, Ildefonso de Toledo, Eugenio de Toledo, Juliano de Toledo, Oleg Aurov aponta que tanto a ação religiosa, pública e política como a atividade literária destes homens foram essenciais para a construção de uma relação inédita nos reinos ocidentais entre a religião cristã e o poder monárquico.

Na historiografia brasileira, esta articulação entre a religião cristã e a sociedade visigoda foi analisada por Mário Jorge da Motta Bastos numa perspectiva materialista da religião.³ Diferentemente do historiador brasileiro, os autores russos se afastam da teoria marxista, privilegiando a análise não dos processos de dominação, mas da teologia política medieval, definida assim por Kantorowicz⁴ e aproveitada por autores da obra em questão. Neste sentido, os Concílios de Toledo são considerados pelos autores de *Teologia e Política* como as manifestações desta relação, pelo fato de reunirem a nobreza laica e eclesiástica. Estes concílios, convocados pelo rei e presididos pelo bispo de Toledo resolviam importantes questões políticas ao lado das

² FRIGHETTO, Renan. Do *Imperium ao Regnum* na Antiguidade Tardia: o exemplo do reino hispano-visigodo de Toledo (séculos VI-VII). *História* [online]. 2016, vol. 35, e91. Epub Oct 20, 2016.

³ BASTOS, Mário Jorge da Motta. *Assim na Terra como no Céu...: Paganismo, Cristianismo. Senhores e Camponeses na Alta Idade Média Ibérica (Séculos IV-VIII)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

⁴ KANTOROWICZ, Ernst. *Os Dois Corpos do Rei - um estudo sobre Teologia Política Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

questões religiosas, assim como definiam as formas de interação entre o rei e o episcopado e os elementos litúrgicos que louvassem o poder monárquico.

O primeiro capítulo “Tradição teológica “ariana” nos reinos visigodos” (p. 13-25) é composto por Georguiy Zakharov. Neste estudo, o autor começa por definir os traços do cristianismo ariano pregado entre os visigodos. Ele afirma que, a princípio, o arianismo visigodo se diferenciava bastante da pregação de Ário, cuja doutrina foi condenada pelo concílio de Niceia.⁵ Assim, na visão de Zakharov, o acacianismo, pregado entre visigodos pelo bispo Úlfilas na segunda metade de século IV, deu início à formação da autoconcepção étnica visigoda. A partir dos relatos de Salviano sobre os visigodos do reino de Tolosa, o autor aponta que estes, no século V, possuíam consciência de sua alteridade confessional e sensação de superioridade sobre a maioria católica galo-romana. Esta ideologia acompanhou também os visigodos do reino de Toledo.

Analisando as fontes, Zakharov conclui que durante o governo de Leovigildo, último rei visigodo ariano, duas tendências religiosas se revelam: por um lado, a radicalização dos preceitos arianos expressos, por exemplo, pelo embaixador visigodo Agila, na sua disputa com Gregório de Tours; por outro lado, o desejo de unificação religiosa do próprio Leovigildo. Tal conjectura levou o monarca visigodo a promover reformas dentro da Igreja ariana, tanto no que concerne à organização como do ponto de vista doutrinário. Zakharov interpreta as reformas de Leovigildo como uma ruptura que o arianismo sofre em relação às suas raízes góticas e ulfillianas.

A explicação disso pode ser encontrada tanto nos processos de assimilação dos visigodos pelos romanos, como no desejo de Leovigildo de unir todos os súditos do seu reino numa única doutrina. Após não ter conseguido impor uma tradição ariana visigoda aos romanos, ele realiza reformas que acabam por transformar a tradição ariana, fazendo-a abandonar o seu papel de identidade etnocultural visigótica para se tornar uma força espiritual capaz de unir todo o reino. Porém, ao se desvincular da identidade visigótica, o arianismo, de acordo com autor, se mostrou incapaz de se adaptar a uma nova realidade.

O segundo capítulo “Os elementos bárbaros e romanos no poder régio dos visigodos” (p. 25-77), elaborado pelo organizador da obra Oleg Aurov, analisa o

⁵ A conversão dos visigodos iniciada pela pregação do bispo Úlfilas foi autorizada pelo imperador Constâncio II que, no concílio de Constantinopla de 360, adotou uma versão moderada de arianismo – o acacianismo.

processo de modificação que o poder régio sofre durante os séculos V-VI, apontando que os elementos bárbaros e romanos, no que concerne à concepção do poder monárquico, interagem entre si e acabam se transformando sob a influência do cristianismo. O autor aponta que a supremacia do poder régio sobre as outras forças políticas e militares do reino dependia nem tanto do controle que o monarca exercia sobre a nobreza guerreira, mas do equilíbrio de poderes entre os magnatas e guerreiros comuns, aos quais o rei podia apelar diretamente por meio dos concílios (reuniões) militares que reuniam todos os guerreiros armados presididos pelo rei.

Nestas reuniões, o rei poderia receber tanto apoio como reprovação dos seus guerreiros (o autor aponta para Ataúlfo, morto por um dos seus guerreiros). Todavia, Oleg Aurov questiona se tal relação e, de certo modo, a dependência do rei dos seus guerreiros, devem ser interpretados como elementos bárbaros, quando falamos de uma formação político-social dos séculos V-VI. Ao concordar com a ideia de que a proclamação num concílio militar foi sem dúvida a principal fonte de poder dos reis visigodos, ele aponta que os mesmos elementos têm paralelos irrefutáveis na sociedade tardo-romana, como a proclamação de Juliano em 360 ou o assassinato de Valentiniano III em 455.

Para o autor, as tentativas de determinar a relação entre o rei visigodo e seu exército a partir dos conceitos de “bárbaros” ou “romanos” acabam se revelando insustentáveis. Segundo o autor, no reino de Toledo podem ser percebidas as mesmas tendências notadas por Patrick Geary na Itália durante dominação dos ostrogodos, quando as identidades dos “romanos” e dos “bárbaros” “tinham se tornado tão complexas e entrelaçadas”.⁶

Eis a definição do que era primário: a “barbarização” da organização militar de Roma ou, inversamente, a “romanização” das práticas sociais entre os guerreiros bárbaros, que penetraram progressivamente nesta organização nos últimos séculos da história do Império Romano do Ocidente, não pôde ser realizada com precisão. Nesta questão, o historiador russo adota e aprofunda a colocação da sua colega espanhola Rosa Sans Serrano, que discute esta questão no seu livro *Historia de los godos. Una epopeya historica de Escandinavia a Toledo*.⁷ Ao analisar os relatos dos contemporâneos latinos sobre os visigodos nos séculos V e VI, Aurov fala do desaparecimento da

⁶ GEARY, Patrick. *O Mito das Nações. A invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora, 2005, p. 119.

⁷ SANZ SERRANO, Rosa. *Historia de los godos. Una epopeya historica de Escandinavia a Toledo*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2009.



RIBEIRO, Antonio Celso, COSTA, Ricardo da (orgs.). *Mirabilia 27 (2018/2)*
Music in Middle Ages and Early Modernity
A Música na Idade Média e no início da Modernidade
La Música en la Edad Media y en el inicio de la Edad Moderna

Jun-Dez 2017/ISSN 1676-5818

noção de “bárbaro” à medida em que os mundos romano e bárbaro se entrelaçam. O autor ressalta também o papel de cristianismo. A nova consciência religiosa minando o “romano” tanto no nível da identidade como da consciência política constrói as novas bases para a interação entre “romano” e “bárbaro”.

No capítulo seguinte “A Eclésia e o poder público no período inicial da política antijudaica no século VII” (p. 77-99), Lubov Chernina analisa a política do rei Sisebuto em relação à questão judaica. Ela interpreta as leis que forçavam aos judeus à conversão ao cristianismo como resultados da ideologia de unificação religiosa como identidade étnica do reino de Toledo. Esta política de unificação – iniciada ainda por Leovigildo, que queria unificar religiosamente seu reino dentro da doutrina ariana, e continuada pelo seu filho Recaredo, com a conversão geral para o catolicismo – foi retomada por Sisebuto, o qual, de acordo com autora, parecia estar convencido de que sua ação política traria frutos espirituais e levaria à verdadeira unidade religiosa. Porém, escreve Lubov Chernina, a frequência com que a legislação antijudaica era noticiada e repetida aponta para a ineficácia desta (p. 89).

É exemplo disso a insistência de Sisebuto no cumprimento da norma legal promulgada havia pouco mais de 20 anos, por Recaredo. Durante todo o século VII, os reis e os bispos vão incessantemente volver a questão judaica e lidar com o fato de que os decretos anteriores a respeito deste assunto não foram executados. Ao mesmo tempo, a autora aponta que a política de conversão forçada, promovida pelo poder régio frequentemente não encontrava respaldo nos representantes da Eclésia. Através dos textos de Isidoro de Sevilha, Chernina mostra que, segundo a tradição cristã adotada pelos representantes eclesiásticos daquele período, a conversão dos judeus deveria acontecer somente nos fins dos tempos e as tentativas antecipadas eram interpretadas como inúteis. Além do mais, a conversão deveria ser verdadeira e sincera e, por isso, não poderia ser feita pela coerção. O caminho verdadeiro para o batismo dos judeus (assim como dos gentios) passa pela pregação, sendo isso dever tanto dos governantes como dos representantes da Eclésia.

No capítulo IV “A história do Rei Wamba de São Juliano de Toledo e o problema da defesa jurídica do poder régio contra usurpações” (p. 99-129), Oleg Aurov fala sobre a formação de um sistema de proteção jurídica do poder régio contra a usurpação e sobre o papel da retórica neste sistema. Partindo da ideia de que nesta época as noções de ético e jurídico não estavam propriamente separadas, o autor propõe analisar a história do rei Wamba como uma fonte normativa, elaborada para criar um



RIBEIRO, Antonio Celso, COSTA, Ricardo da (orgs.). *Mirabilia 27 (2018/2)*
Music in Middle Ages and Early Modernity
A Música na Idade Média e no início da Modernidade
La Música en la Edad Media y en el inicio de la Edad Moderna

Jun-Dez 2017/ISSN 1676-5818

precedente ao qual seria possível recorrer para definir uma usurpação em relação a uma ocupação legítima do poder.

Desde a primeira metade do século VII, a preocupação com a usurpação do poder pode ser percebida nos decretos dos concílios de Toledo, cujas normas, originalmente destinadas a promover a educação da população no espírito cristão, adquiriram um status jurídico oficial a partir da promulgação das leis régias em apoio do concílio (*lex in* confluência de concílios). O autor mostra no seu texto que as tentativas de determinar os critérios do poder legítimo em oposição ao poder usurpado foram feitas inúmeras vezes, mas, a julgar pelos eventos concretos da história política, não obtiveram muito sucesso.

Nesta situação, a retórica ocupa um lugar especial, sendo a “história do rei Wamba” um exemplo de propaganda política contra usurpações, que visa defender a entrada legítima no poder. Ao contrapor a legitimidade de Wamba à tirania do duque Paulo, a obra de Juliano de Toledo pretendia influenciar tanto a lógica como as emoções dos leitores. Porém, quando compara o ato de proclamação de Wamba com as normas dos decretos conciliares, o autor mostra que a sua legitimidade não parece ser tão indubitável como tenta mostrar o bispo Juliano. Aurov aponta que, neste caso, foi a retórica de um grande erudito que formulou a legitimidade da subida de Wamba ao trono. Uma opinião elaborada pelos motivos políticos que se perpetuou na historiografia medieval, chegando, com algumas ressalvas, aos dias de hoje.

Os capítulos quinto e sexto tratam de uma das mais influentes figuras no reino visigodo, tanto do ponto de vista religioso como político: Isidoro de Sevilha. No texto “Posição do bispo na legislação conciliar do reino de Toledo (de acordo com as normas do IV Concílio de Toledo)” (p.129-143), Elena Marey analisa o papel atribuído ao bispo através das normas do IV Concílio de Toledo e por meio do tratado de Isidoro de Sevilha *De ecclesiasticis officiis*, no qual se baseavam as normas do Concílio. A autora mostra como os cânones do IV Concílio de Toledo estabelecem as bases para a formação de uma hierarquia eclesiástica de um tipo mais autoritário, dentro da qual o poder do bispo foi significativamente expandido. O Concílio entrega o poder sobre todos os clérigos da diocese ao bispo, que passa ordenar os diáconos e presbíteros e cuidar do comportamento do clero, julgando-o e instruindo em assuntos da fé.

No capítulo seguinte, Mikhail Birkin fala das “Funções sociais da pregação episcopal no reino de Toledo no início do século VII (segundo as obras de São Isidoro de



Sevilha)” (p.143-163). Partindo da ideia de que a pregação cristã na Alta Idade média é de certo modo a herança do discurso público das instituições romanas, o autor mostra que a figura do pregador se torna decisiva na questão de controle e comunicação mútua entre as autoridades administrativas da cidade e a população.

Com base nos textos de Isidoro de Sevilha, Mikhail Birkin analisa a pregação como uma das tarefas principais do bispo, vista pelo São Isidoro como a essência do ministério episcopal. Assim, o autor atribui à pregação uma função harmonizadora, capaz de regular todo o sistema de relações sociais no reino de Toledo, sendo expressão não somente de uma ação pastoral, mas também de uma ação política. Por meio de sua pregação, o bispo fortalece a unidade da comunidade cristã confiada a ele e, ao mesmo tempo, age como principal condutor da ideologia régia integradora, contribuindo para a formação de uma nova identidade sócio-política – a *gens gothorum*.

Os capítulos sete e oito são dedicados à análise de alguns aspectos dos textos de Isidoro de Sevilha. Serguey Vorontsov (“Alguns aspectos da doutrina de São Isidoro de Sevilha sobre a amizade (segundo o livro III das Sentenças)”, p. 163-171) trabalha com o livro III do *Livro das Sentenças*, no qual o bispo de Sevilha discorre sobre a amizade. Ele faz um breve estudo do conceito em autores como Cícero, Santo Agostinho e Gregório Magno para compreender os aspectos que influenciaram o pensamento isidoriano e definir a contribuição original do próprio Isidoro de Sevilha para construção do conceito de amizade dentro dos padrões religiosos cristãos.

Vorontsov nota que diversos fragmentos dos capítulos analisados da obra de Isidoro repetem o roteiro de Cícero⁸; no entanto, o raciocínio e as considerações do bispo de Sevilha sobre a amizade são de natureza independente. Aproveitando a definição de amizade como uma conexão entre as pessoas de Cícero, ele explica esta conexão não como resultado de uma atração natural, mas por meio do amor que um cristão deve sentir pelo próximo. No desenvolver desta ideia, ele recorre ao pensamento de Santo Agostinho, principalmente a *Confissões*, e aos textos de Gregório Magno.

Assim, a própria definição de amizade é elaborada por Isidoro no capítulo denominado *De dilectione* (Sobre o amor). Apontando que para se ter amizade é

⁸ A influência dos escritos de Cícero pode ser percebida em todas as obras de tratadística medieval. Reformulado ainda por Santo Agostinho para atender à *Retórica cristã*, o pensamento de Cícero se tornou o fundamento para compreensão de noções cristãs – como a *essência de Deus* e a *ordenação das naturezas* – assim como de valores como o amor, a afeição e a amizade. Ver COSTA, Ricardo da. [Retórica na Antiguidade e na Idade Média](#).

necessário no mínimo duas pessoas, com alusão a Cícero, Isidoro de Sevilha desenvolve esta afirmação e se apoia no pensamento agostiniano, quando este discorre não sobre amizade, mas sobre o amor cristão. Todavia, Vorontsov nota que estas ideias de Agostinho, com algumas variações, já haviam sido aproveitadas em *Magna Moralia* e *Homilias sobre Evangelho* de Gregório Magno, o autor sugere que o bispo de Sevilha poderia ter conhecido e aproveitado vários textos dos seus predecessores, mas que uma nova conceituação cristã referente à amizade pertencia a ele.

No último capítulo da primeira parte, Tatiana Koval analisa o pensamento de Santo Isidoro no que diz respeito à Divina Providência e à Eucaristia (“São Isidoro de Sevilha sobre a Divina Providencia e a Eucaristia”, p.171-182). Segundo a autora, ao abordar a questão da Providência e da Predestinação, o bispo de Sevilha acompanha em muitos aspectos o pensamento de Santo Agostinho; porém, ao mesmo tempo, ele se baseia nos estoicos romanos, especialmente Cícero e Sêneca. O ideal estoico de um sábio virtuoso que enfrenta com tranquilidade todos os golpes do destino passa por várias obras do autor. Para Tatiana Koval, o raciocínio de Santo Isidoro sobre a Providência e as vicissitudes do destino encontrou em fórmulas estoicistas ideias capazes de expressar a ética ascética cristã. Isidoro reinterpreta os ensinamentos estoicos da Providência do ponto de vista de cristianismo e conduz seus leitores a um sentimento de confiança plena em Deus, afirmando que a fé e a sabedoria ao superar as circunstâncias do destino levam à Salvação.

Neste sentido, o bispo de Sevilha se afasta dos ensinamentos de Santo Agostinho, ele reconhece a livre vontade do homem e a possibilidade de sua cooperação com a própria Salvação. Tatiana Koval aponta que para Isidoro, a esperança da Salvação que é dada pela graça de Deus é imprescindível; contudo, o homem não deve deixar de fazer todo o possível para merecê-la. Assim, a capacidade do homem para o bem não é negada, embora seja considerada como um presente concedido pela graça. Ao mesmo tempo, a autora supõe que Isidoro foi um dos primeiros a transferir o problema da Predestinação da esfera das experiências pessoais para o plano dos sacramentos religiosos, por intermédio dos quais o homem é levado à salvação. Neste sentido, uma atenção especial foi dada à Eucaristia, pois para Santo Isidoro este sacramento vincula o homem a Deus, sendo a essência da Liturgia e, ao mesmo tempo, um ato indispensável para a Salvação.

Os capítulos da segunda parte dedicam-se ao estudo de questões semelhantes ligadas à religião e à política do reino de Toledo. Os estudos são realizados por meio de textos



RIBEIRO, Antonio Celso, COSTA, Ricardo da (orgs.). *Mirabilia 27 (2018/2)*
Music in Middle Ages and Early Modernity
A Música na Idade Média e no início da Modernidade
La Música en la Edad Media y en el inicio de la Edad Moderna

Jun-Dez 2017/ISSN 1676-5818

selecionados, produzidos no reino visigodo e traduzidos para a língua russa. As traduções são acompanhadas por pesquisas introdutórias e extensos comentários que permitem ao leitor se inteirar do contexto das fontes. O nono capítulo “Poder, Eclésia e texto em Hispânia até o ano 1000” (p. 183-267), com o qual se inicia a segunda parte, é um estudo que tem por objetivo fazer um apanhado geral das principais etapas da história da literatura hispano-cristã – desde os primeiros autores do século III até o ano 1000, ou seja, até o período quando a Igreja hispânica, em razão dos laços cada vez mais fortes como o papado, começa a perder a sua antiga independência e seguir os cânones romanos, desde a liturgia até a literatura.

O autor do texto, Oleg Aurov, tem como propósito elucidar para o leitor o ambiente político, intelectual e espiritual dentro do qual se desenvolveram os processos analisados na primeira parte da obra. Para ele, a palavra escrita, que assumiu a função de promotora das concepções políticas e teológicas, teve um dos principais papéis na interação da Eclésia e do poder público representado pelo monarca visigodo, cuja importância só pode ser analisada quando se leva em conta o amplo contexto histórico, político e literário.

O capítulo seguinte de autoria de Elena Marey e Elena Zvyagintseva “Roma, Bizâncio e o reino visigodo de Toledo escrito segundo as cartas do Papa Gregório Magno” (p. 267-299) é dedicado ao estudo das cartas selecionadas do Papa Gregório I, o Magno (590-604), cujo conteúdo se refere à Hispânia visigótica. As autoras apresentam as 11 cartas traduzidas do latim, três das quais direcionadas a Leandro, bispo de Sevilha (irmão de Isidoro de Sevilha), duas ao rei Ricaredo, uma que o próprio rei visigodo enviou ao papa comunicando sobre a conversão dos visigodos ao catolicismo e outras cartas direcionadas a ocupantes de cargos públicos importantes, tanto pertencentes à Eclésia como pertencentes à aristocracia hispânica.

O trabalho realizado demonstra que nas cartas Gregório se apresenta como mentor de todos os cristãos, incluindo outros bispos e os reis, e defensor da fé contra intervenções do poder secular. A correspondência apresentada de Gregório Magno é uma fonte capaz de desvendar as nuances da relação pouco estudada até então entre Roma e o Reino de Toledo. Por meio destas fontes, as autoras deduzem o grau de influência do bispo romano sobre os assuntos hispânicos. Elas apontam que, enquanto a intromissão de Gregório na vida política do reino de Toledo se limitava aos conselhos e às recomendações, nos assuntos religiosos a sua influência era bastante elevada, como demonstram as cartas ao defensor João, enviado pelo Papa à Península Ibérica.



RIBEIRO, Antonio Celso, COSTA, Ricardo da (orgs.). *Mirabilia 27 (2018/2)*
Music in Middle Ages and Early Modernity
A Música na Idade Média e no início da Modernidade
La Música en la Edad Media y en el inicio de la Edad Moderna

Jun-Dez 2017/ISSN 1676-5818

O capítulo 11 (MAREY, E. “Entre Toledo e Saragoça”, p. 299-317) é dedicado à correspondência de Bráulio de Saragoça. As cartas traduzidas tratam da nomeação do Bispo Eugenio II de Toledo, ex-diácono da diocese de Saragoça, aluno e ajudante do Bráulio. As cartas ricamente comentadas apresentam uma riquíssima fonte para o estudo da sociedade ibérica no século VII. A nomeação de Eugenio por Chindasvinto, que ia ao encontro da vontade tanto do próprio Eugenio, o qual veio para Saragoça atraído justamente pela sabedoria de Bráulio, como do bispo de Saragoça, para quem o discípulo se tornou insubstituível nas atividades políticas e religiosas dentro do bispado, demonstra o nível de intervenção do poder régio nos assuntos eclesiásticos, inclusive no que concerne à eleição dos bispos.

O seguinte capítulo (AUROV, O. SMYKOVSKAYA, K. “O rei e o hagiógrafo Sisebuto e sua ‘Vida ou Paixão de São Desidério’”, p. 317-331) apresenta a tradução da famosa “Vida de Santo Desidério” atribuída ao rei Sisebuto. No estudo prévio, a autora propõe ao leitor analisar o texto do provável discípulo de Santo Isidoro dentro do contexto da rivalidade entre os reinos dos francos e o reino de Toledo. Apontando que neste contexto o componente ideológico não deve ser interpretado como menos significativo em relação ao militar, a autora vê na “Vida de Santo Desidério” um panfleto político contra os francos em geral e contra as figuras reinantes da época: Teodorico II e sua avó Brunequilda em particular.

Por fim, o último capítulo (AUROV, O. “O escritor como Santo: ‘A vida abreviada de São Juliano de Toledo’ escrita por Felix de Toledo”, p. 331-343) é dedicado à “Vida do bispo Juliano de Toledo”, uma pequena obra atribuída ao seu sucessor no bispado, Felix. Diante do leitor, surge um retrato literário breve porém profundo de Juliano no exercício das suas atividades religiosas, políticas e literárias. A obra segue uma estrutura biográfica, cuja base se formou sob a influência do modelo latino *De viris illustribus*. Para Oleg Aurov, o texto elaborado por Felix de Toledo fornece ao pesquisador uma concepção da imagem idealizada de um representante da elite intelectual na passagem das épocas. Por um lado, o homem que se apresenta diante de nós através do texto é medieval no seu modo de pensar e espírito cristão; por outro, ele ainda preserva as memórias sobre a cultura e saber clássico da antiguidade.

Os artigos que fazem parte da obra resenhada se destacam pelo elevado grau científico, originalidade conceitual e conclusões que não deixam de provocar discussões ao seu redor. Ao apresentar *Teologia e Política...*, pensamos em primeiro lugar nos diálogos capazes de se estabelecer entre historiadores russos e brasileiros tanto em



RIBEIRO, Antonio Celso, COSTA, Ricardo da (orgs.). *Mirabilia 27 (2018/2)*

Music in Middle Ages and Early Modernity

A Música na Idade Média e no início da Modernidade

La Música en la Edad Media y en el inicio de la Edad Moderna

Jun-Dez 2017/ISSN 1676-5818

torno dos estudos referentes aos reinos visigodos como da antiguidade tardia em geral.

Claro que a barreira linguística pode dificultar bastante este diálogo; porém, hoje em dia, a comunicação científica ultrapassa as barreiras nacionais, surgindo cada vez mais publicações em inglês ou em espanhol tanto por parte dos pesquisadores brasileiros como russos. A apresentação da obra em questão permite ao leitor brasileiro conhecer os nomes e as ideias dos colegas “além do mar”, aprofundando o seu conhecimento da variedade conceitual da historiografia atual e ampliando a perspectiva da pesquisa.

Bibliografia citada

BASTOS, Mário Jorge da Motta. *Assim na Terra como no Céu...: Paganismo, Cristianismo. Senhores e Camponeses na Alta Idade Média Ibérica (Séculos IV-VIII)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

COSTA, Ricardo da. [*A Retórica na Antiguidade e na Idade Média*](#).

FRIGHEITTO, Renan. Do *Imperium ao Regnum* na Antiguidade Tardia: o exemplo do reino hispano-visigodo de Toledo (séculos VI-VII). *História* [online]. 2016, vol.35, e91. Epub Oct 20, 2016.

KANTOROWICZ, Ernst. *Os Dois Corpos do Rei - um estudo sobre Teologia Política Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

SANZ SERRANO, Rosa. *Historia de los godos. Una epopeya historica de Escandinavia a Toledo*. Madrid: La Esfera de los Libros, 2009.